



## **Do Estereótipo ao Social: As fases da Representação Homossexual nas Telenovelas da Rede Globo.<sup>1</sup>**

Caio César Xavier MOREIRA<sup>2</sup>

Denise MACIEL<sup>3</sup>

Fabrizio MATTOS<sup>4</sup>

Estácio FAP – Faculdade do Pará, Belém, PA

### **RESUMO**

A telenovela é um dos produtos culturais que conquistou o seu espaço no cotidiano da sociedade brasileira, tornando-se uma forte influência no comportamento social da população, nos valores, hábitos e linguagem do telespectador. Um exemplo disso é a presença, cada vez mais constante, de personagens homossexuais que promovem debates sobre a cidadania e direitos LGBT. A pesquisa tem como objetivo realizar um levantamento do histórico de *gaysnas* novelas do Globo, suas respectivas representações e os períodos que estas se deram deste o primeiro personagem até os dias de hoje.

**PALAVRAS-CHAVE:** Televisão; Telenovela; Homossexualidade; Estereótipo e Representação.

### **1. Telenovelas e sua evolução como um conteúdo de massa**

A primeira radionovela transmitida no Brasil foi “*Em busca da Felicidade*” que foi ao ar em 1941 pela extinta Excelsior as segundas, quartas e sextas às 10:30h. A duração era de dois meses há dois anos, como foi o caso de *Em busca da Felicidade*. As rádios transmitiam ao longo de sua programação em média 15 novelas ao dia. Os patrocínios e anúncios eram basicamente os produtos de higiene e beleza, davam tão certo que nos horários nobres, às vezes, precisava esperar um ano para conseguir patrocinar uma novela. Segundo Renato Ortiz (1991), as radionovelas eram utilizadas nos Estados Unidos e em outros países como estratégia para o aumento na venda de produtos de higiene e limpeza, pois era um entretenimento barato, atraía as donas de casas e davam rápido retorno para as empresas de sabão.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Estácio-FAP, email: [caiocxavier@hotmail.com](mailto:caiocxavier@hotmail.com)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 8º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda da Estácio-FAP, email: [Denise\\_maciel@hotmail.com](mailto:Denise_maciel@hotmail.com)

<sup>4</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da ECA-USP, email: [fsdmattos@gmail.com](mailto:fsdmattos@gmail.com)



Com o surgimento da TV em 1950 por Assis Chateaubriand da TV Tupi, trouxe aos brasileiros uma nova forma de ver o mundo, foi o *boom* da televisão, onde Assis trouxe dos EUA 200 televisores e espalhou pela cidade, por onde as pessoas passavam ficavam impressionadas, “hipnotizadas” pela mais nova imagem e sons que vinham daquele novo invento. Mas foi apenas em 1973 que a cor chega às telenovelas, apresentada na telenovela “*Bem Amado*”, transmitida pela Rede Globo. A TV a cores trouxe desafios para a equipe técnica, o que resultou em uma explosão de luz e cores. O “*Bem Amado*” foi a primeira novela da Globo a ser exportada, anteriormente só se exportavam os textos (GLOBO, 2010).

Com a ascensão da TV no Brasil, veio a ser veiculado os tão queridos programas de Telenovelas com isso a radionovela tomou outro rumo, mas podemos dizer que a telenovela saiu de dentro da radionovela e só bem mais tarde rompeu totalmente o vínculo, ambas conviveram lado a lado. Conforme Sadek (2008), no início da produção da telenovela estava à preocupação para que os telespectadores entendessem o que estava sendo transmitido afirma.

Deste modo adotou-se a construção do tempo e espaço. A telenovela fala de coisas nossas, da estrutura do drama, logo o telespectador se identifica de imediato com os personagens, adotando-os muitas das vezes.

Funciona como uma fuga, e permite a quem a assiste viver outra realidade. O público tem a sensação de estar participando da história, da discussão sobre que rumos o enredo deve ser tomado (GOMES, 1999, p. 96).

Deste modo origina uma forte influência nos sujeitos a ponto dos mesmos passarem a se identificar com o que está sendo proposto pela telenovela e inserindo-se consequentemente em grupos sociais ou criando outros.

A telenovela tornou-se um objeto de vários estudos importantes na observação de como ela influencia as pessoas e como se tornou o produto de maior prestígio da comunicação de massa. A telenovela é capaz de interferir sobre comportamentos, valores, hábitos e até mesmo a linguagem do telespectador.

Podemos dizer que hoje a população é influenciada pela mídia principalmente quando está relacionada ao mundo da televisão, para Marcondes Filho (1994), a diferença agora é esta: ela não transmite o mundo, ela fábrica mundos. Logo, surge uma fábrica de estímulos e imaginários que permeiam as grandes massas através das telenovelas. Mocinhos, vilões e heróis são criados. Acaba uma novela e inicia outra e os



comportamentos, o modo de agir, pensar, a beleza, a moda, e outros vão se alterando tornando uma parte muito importante na sociedade, pois todos querem estar “na moda” e querem ser o centro das atenções por onde passam. Linn (2006) destaca que a mídia tem o poder de influenciar, inclusive, valores essenciais, como escolhas de vida, definição de felicidade e de como medir o seu próprio valor.

Mudam os personagens, a trama e os assuntos abordados, e a sociedade vai respondendo a este estímulo produzido. Os padrões difundidos são copiados e seguidos conforme a mídia dita às regras, as tendências, os padrões de beleza, os ídolos a serem adorados e seguidos, impondo padrões de beleza cada vez mais inatingíveis capazes de conquistar o interesse das massas sem trabalhar o caráter crítico do espectador.

A telenovela conta histórias de vida, e através de personagens, tenta reproduzir fatos e acontecimentos da vida de pessoas reais, a fim de que as pessoas se identifiquem e acabem acompanhando o desenrolar dessas histórias. Essa narrativa, muitas vezes, transporta os receptores para um mundo fantasioso, pois, na maioria das histórias, personagens ricos são infelizes e de mau caráter, enquanto que os pobres são honestos e felizes, ou seja, há a ênfase dos extremos, os quais revelam somente uma das faces do ser humano. Vê-se, então, a presença de estereótipos, de relações, e de papéis sociais nesses enredos (KEGLER e ARAUJO, 2007 p, 06).

No Brasil as telenovelas demonstram que o cotidiano acaba sendo incorporado de maneira mais ampla e concreta, no momento em que se fazem abordagens sobre: homossexualismo, violência, prostituição, entre outros.

No entanto, historicamente a TV construiu representações da homossexualidade nas telenovelas, a presença de personagens estereotipados é cada vez mais presente em cada novela que se inicia, e a sociedade reage muitas das vezes negativamente, preconceituosa. A discussão sobre este “novo” tema é constante em todos os meios, e os autores tentam driblar esses assuntos, que estão gerando grande polêmica.

## **2. A Homossexualidade na Mídia**

A sociedade tende a limitar-se ao pensamento de dualidade das coisas, no qual os conceitos sempre se apresentam de forma antagônicas, como: bom sendo oposto de ruim, negativo contrário de positivo, e comportamento do homem e da mulher na sociedade se baseia nessas pré-determinações (PERET, 2005). Logo toda essa oposição se reflete na sexualidade dos indivíduos, que remetem ao termo “masculino” ao homem e ao termo “feminino” à mulher. Porém, Furlani (2003) apresenta as diferenças entre Sexualidade, que se conceitua pelo desejo sexual de um indivíduo; Prática Sexual, qual



o papel desse indivíduo na relação sexual; E identidade sexual, que é a auto- definição de cada indivíduo a partir de suas práticas sexuais. Sendo assim, Peret (2005) afirma ser esperado que alguém que apresente uma sexualidade “desviante”, obrigatoriamente, tenha um comportamento “desviante”, como um homem homossexual ser feminino e uma mulher homossexual ser masculina. Só atualmente que a sociedade começou a enxergar e entender sexualidades diferentes da heterossexual.

Entende-se que, apesar da exposição e exploração de novos conceitos de gêneros e representações destes, a mídia ainda permanece com um discurso que pode gerar a estereotipização desses indivíduos, Souza (2009) afirma que.

Apesar do recente entendimento de representação sexual e de gênero, a visibilidade de gays e lésbicas na mídia esteve marcada por estereótipos que mostravam gays afeminados e lésbicas masculinizadas. A compreensão dessa relação, pode se basear em teorias que conceituavam a homossexualidade como desvio psíquico ou perversão sexual, com uma medida de não remeter a sexualidade a alguma doença ou desvio normativo saudável o termo “homossexualismo” não é aceito pelos homossexuais, pois sufixo “ismo” remete a condição patológica e, ao ver dos *gays* e lésbicas, soa como ofensivo. E no Brasil há a predominância das religiões baseadas no cristianismo, no qual a homossexualidade foi tratada durante mais de cinco séculos como um pecado abominável a ponto de nem sequer ser pronunciado (SOUSA, 2009, p.9).

Todos esses fatores influenciaram na construção de estereótipo homossexual e na não exibição desses indivíduos como participantes da sociedade atual.

Souza (2009) ainda afirma que concomitante a essa realidade social, prevaleceram no período de 1970 até 2000 as representações homossexuais de personagens assassinos e efeminados. Raras foram as tentativas que saíram da proposta estereotipada e caricatural. Para Moreno (2001) os personagens homossexuais no cinema, são representados a partir de elementos de caricatura, apresentando características como gestual, jeito de falar e a indumentária exagerada. Pode-se observar no Quadro 1, a diferenciação das três fases da representação homossexual no cinema nacional

#### QUADRO 1 - REPRESENTAÇÕES DE HOMOSSEXUAIS NO CINEMA NACIONAL

<b>1º Fase</b>	De 1920 até 1960, sugere que o tema era um tabu de tal ordem que os homossexuais mesmo quando presentes não eram vistos como tal, nem mesmo se permitia ao público imaginar tal tipo de comportamento. Era como se o
----------------	--



	homossexualismo não existisse. Nessa fase, além de pouco explícita, a homossexualidade era todo o tempo associada ao domínio do risível realçado por um toque efeminado nos trejeitos e vozes dos personagens
<b>2º Fase</b>	Iniciada na década de 1960, foi marcada por um número maior de películas abordando o assunto, mesmo assim o crescimento não foi muito significativo, já que a abertura de novas frentes de discussão no cinema brasileiro privilegiou temas sociais e políticos mais amplos, com isso não se assistiu nesse momento a mudanças relevantes na caracterização da homossexualidade predominante na primeira fase.
<b>3º Fase</b>	Em 1970 ocorre uma explosão de filmes que traziam a questão da homossexualidade em seu bojo. É ali que, dando continuidade às tendências das fases anteriores, se consolida “um modelo de personagem homossexual que vai preponderar nas produções desta e das décadas seguintes, chegando a estender este modelo para diversos meios, como a televisão, através do gestual, e o rádio, através do modelo de voz

**FONTE:** MORENO, 2011, p. 516-517.

A sexualidade vem sendo discutida de forma crescente e cada vez mais no bojo de tramas televisivas trazendo à cena o homossexual. A telenovela tem se revelado um Ridentidades, através de estereótipos dinâmicos que passam por transformações através dos anos.

Vê-se que os personagens têm ganhado mais destaque e recebido um tratamento menos estereotipado. Convém ressaltar alguns avanços e discussões. Porém a homossexualidade em si foi discutida de forma direta apenas recentemente e em um número pequeno de vezes, sua presença é marcante. Encontramos não só gays e lésbicas (declarados ou não), como também transgênicos, bissexuais e heterossexuais que fingem ser homossexuais por alguma razão ou que se travestem do gênero oposto (PERET, 2005, p. 36).

É válido ressaltar que essas discussões nem sempre auxiliam na redução do preconceito, mas gera o convite ao espectador a discutir o assunto, muitas vezes ultrapassando o campo da televisão e indo às redes sociais, por exemplo.

Colling (2007) afirma que representações da homossexualidade nas produções televisivas se deram através de três estereótipos ou/e contextos: afetados, criminosos e heterossexualizados. O autor indica que a TV Globo iniciou caracterizando os gays como criminosos, numa segunda fase eram retratados como cômicos devidos aos trejeitos afeminados e com aparente, amadurecimento do público perante a temática,



foram introduzidos os personagens homossexuais com comportamentos baseados na heterossexualidade, assumindo uma postura conceituada como “discretos”.

## **2.1. A presença de personagens homossexuais no histórico das telenovelas da Rede Globo**

Segundo Peret (2005), Grijó (2011) e Silva (2014) em 1974 foi registrado o primeiro caso de homossexualidade numa telenovela da Rede Globo, “*O Rebu*”, escrita por Bráulio Pedroso, o personagem Conrad Mahler (Ziembonski) matinha uma relação com o garoto de programa Cauê (Buza Ferraz). O tema se deu através do crime passionai e da dependência financeira de um jovem por um homem mais velho. O tema também foi tratado com teor de criminalidade na novela “*O Astro*” nos anos de 1977/1978, escrita por Janete Clair, na qual o cabeleireiro gay Henri (José Luis Rodi) é cúmplice de um assassinato na trama.

Em 78 (“*Dancing Days*”) e 79 (“*Marrom Glacê*”), personagens secundários apresentavam homossexuais afetados e efeminados. Em “*Dancin’ days*”, de Gilberto Braga, Everaldo (Renato Pedrosa) era um mordomo, já em “*Morronglacê*” escrita por Cassiano Gabus Mendes, Waldomiro (Laerte<sup>5</sup>Morrone) era um garçom e Pierre Lafond (Nestor de Montemar) um chefe de cozinha, ambos bastantes caricatos (COLLING, 2007). No final de 1979 e início de 1980, estava no ar a novela “*Os Gigantes*”, de Lauro César Muniz, que ensaia um relacionamento entre a protagonista Paloma (Dina Sfat) e Renata (Lídia Brondi), mas que foi censurado pela política da época<sup>1</sup> (PERET, 2005).

Na década de 80, com o término do regime militar e a censura, a inclusão de personagens homossexuais nas telenovelas foi mais frequente e com mais destaques, totalizando 9 produções, afirmam os autores Grijó (2011) e Silva (2014). Escrita por Teixeira Filho, “*Ciranda de pedra*” (1981) foi a primeira novela das 18h com uma insinuação homossexual, Letícia (Mônica Torres) era uma feminista que se vestia e comportava como homem. No mesmo ano em “*Brilhante*”, de Gilberto Braga, Inácio Newman (Denis Carvalho) e Sérgio (João Paulo Adour) eram namorados, porém a

---

<sup>5</sup>É importante destacar que ainda na década de 70, as representações homossexuais que ocorreram nas telenovelas estavam entrelaçadas com o cenário político e social da época, pois, surge o *Movimento Brasileiro Homossexual*, que nasce no final dos anos 1970, predominantemente formado por homens homossexuais, mas, logo nos primeiros anos de atividade, as lésbicas começam a se afirmar também no grupo (SILVA, 2014, p, 6).



situação de Inácio era entendida como alcoolismo, devido a censura, só depois da metade da trama no ar que o relacionamento ficou claro.

Em 1985, “*Um sonho a mais*”, de Daniel Más, três personagens se travestem e Ana Bela (Ney Latorraca) protagoniza o primeiro “selinho” entre homens em telenovelas. No ano seguinte Lauro César Muniz, em “*Roda de Fogo*” traz novamente temos dois personagens homossexuais vilões e assassinos, Mario Liberato e Jacinto Donato, vividos por Cecil Thiré e Cláudio Curry respectivamente. Em “*Mandala*” escrita por Dias Gomes em 1987 tivemos outro gay assassino, Argemiro (Carlos Augusto Strazzer).

No ano 1988 tiveram duas produções com personagens gays, a primeira sendo “*Bebê a bordo*” de Carlos Lombardi, teve a personagem Joana Mendonça (Débora Duarte, uma lésbica masculinizada, que tentou um relacionamento não correspondido com Ângela (Maria Zilda). A segunda produção deste ano foi “*Vale tudo*” escrita por Gilberto Braga e Aguinaldo Silva que faz uma abordagem sobre herança de direito ao parceiro homossexual, quando a personagem de Cecília (Lala Deheinzelin) morre e sua parceira, Laís (Cristina Prochaska) tentar ficar com a pousada que eram das duas, Laís termina a trama com Marília (Bia Seidl). Apesar do tema abordado ter importância relevante, a censura obrigou que o autor cortasse uma cena importante para entendimento da relação de Laís e Cecília na trama, afirma Silva (2014).

A novela *Vale Tudo* (1988) teve uma cena censurada que tratava sobre questões de cunho homossexual. Uma simples conversa entre Helena (Renata Sorrah), Cecília (Lala Deheinzelin) e Laís (Cristina Prochaska), em que o assunto estava ligado à relação romântica entre duas mulheres, tratada como uma opção natural de vida que deve ser aceita sem nenhum preconceito, o que para os censuradores seria um absurdo (SILVA, 2014, p.5).

Talvez por isso o público não tenha percebido claramente a relação homoafetiva das personagens.

No ano seguinte, em 1989, a trama de Regina Braga, “*Pacto de Sangue*” traz o personagem afeminado Bombom (Ricardo Petraglia), no mesmo ano tivemos “*Tieta*”, de Aguinaldo Silva que trouxe a travesti Rogéria encenando os personagens Ninete e Waldemar, a censura não se atentou muito para a personagem pois estava mais focada na relação de Tieta com seu sobrinho na trama (Peret, 2005),

Na década de 90 a sociedade se via realmente livre do regime militar e censura televisiva, com isso, neste período tiveram 9 produções que tinham em sua trama personagens homossexuais, com uma abordagem de “narrativa da revelação”, porém



não excluindo os afeminados e afetados de anos anteriores (Colling, 2007). Em 1990 duas tramas abordaram o tema, “*Mico Preto*” escrito por Marcílio Moraes teve o relacionamento mal disfarçado entre os personagens José Luis (Miguel Falabella) e José Maria (Marcelo Picchi). No mesmo ano, a telenovela “*Barriga de Aluguel*” de Glória Perez, trouxe o Lulu (EriJhonson) um rapaz com trejeitos femininos que tinha um amor platônico por um jogador de futebol, mesma situação de amor não correspondido viveu Adamastor (Pedro Paulo Rangel), em “*Pedra sob Pedra*” de Aguinaldo Silva em 1992.

Em 1995 a personagem Sarita Vitti (Florian Peixoto) da novela “*Explode Coração*” de Glória Perez não agradou muito ao público LGBT da época, pois não houve uma definição de sua identidade sexual (Peret, 2005). Silvio de Abreu trouxe em “*A Próxima Vítima*” a primeira discussão, em telenovelas, sobre projeto de união civil de pessoas do mesmo sexo, através do relacionamento de Sandrinho (André Gonçalves) e Jefferson (Lui Medeiros). 1997 teve duas produções com personagens bem distintos, o efeminado Rorô Pedalada (Marcos Breda) em “*Zazá*”, de Lauro César Muniz, e o bissexual Rafael (Odilon Wagner) de “*Por Amor*” de Manoel Carlos.

A novela com maior repercussão sobre seus personagens homossexuais foi “*Torre de Babel*” de Silvio de Abreu em 1999, que continha em sua trama uma relação lésbica declarada entre Rafaela (Cristiane Torloni) e Leila (Silvia Pfeiffer) que apesar de não apresentarem um estereótipo, foram eliminadas na trama nos primeiros capítulos, e Peret (2005) afirma ter sido por causa da queda da audiência devido a rejeição do público que não estava preparada para uma alusão não cômica e direta da homossexualidade, Colling (2007) corrobora essa despreparação:

Quando um autor opta por iniciar a novela com a revelação já consumada, ele muda ou é forçado a mudar a história. Na época, houve uma grande discussão sobre quem teria matado as lésbicas. De um lado, Abreu defendia que a própria imprensa teria colaborado em dar uma exposição exagerada às personagens. De outro, líderes gays acusavam a Igreja Católica e outros setores conservadores de terem pressionado a emissora a retirar as duas do ar (COLLING, 2007, p. 217)

Nota-se que a mensagem do autor pode ser censurada para se adequar o consumidor e assim não deixar de gerar audiência para a emissora. No ano seguinte “*Suave Veneno*” de Aguinaldo Silva, também teve que sofrer alterações devido as críticas aos personagens Uálber (Diogo Vilela) e seu empregado Edilberto (Luiz Carlos Tourinho).



A partir de 2000 a novela não é vista somente como entretenimento, mas plataformas de levantar debates sociais (Peret, 2005). Sendo assim, a inclusão do tema homossexualidade nas tramas se deu com maior frequência, contudo, ainda se percebeu a existência de personagens caricatos ou histórias que foram deixadas de lado pelos autores, na busca da adequação a audiência. Mas não podemos deixar de mencionar a discreta inserção de casais gays que foram representados na heteronormatividade, ou seja, sem estereótipos de Colling (2007) e sendo considerados “normais” perante a sociedade.

A década começa falando sobre transgênero com a personagem de Claudia Raia em “*As Filhas da Mãe*” de Silvio de Abreu, no qual interpretou a estilista que nasceu Ramon e se tornou Ramona ao longo da história. Em 2002, em “*Desejos de mulher*” de Euclides Marinho, os gays Ariel (José Wilker) e Tadeu (Otávio Muller) sofrem uma alteração de suas histórias, decorrente a baixa audiência, e tornaram-se caricatos.

Manoel Carlos trouxe 3 personagens gays no ano de 2003 em “*Mulheres Apaixonadas*”, no qual trouxe o casal lésbico Claro (Aline Moraes) e Rafaela (Paula Picarelli) sem estereótipos que lutavam contra o preconceito da família e faziam planos de construir sua própria família, apesar de esperado por uma parte público, não aconteceu o beijo entre o casal. Outro personagem gay da trama foi Eugênio (Sylvio Meanda) mordomo sem laços afetivos e familiares na trama. No mesmo ano “*Kubanacan*” de Carlos Lombardi faz uma insinuação de relação entre Manolo (Luis Guilherme) e Jonny (Daniel Boaventura). Ainda em 2003, Em “*Celebridade*” (2003), de Gilberto Braga, a vilã Laura (Claudia Abreu) revelou-se bissexual ao se envolver com Dora (Renata Sorrah) envolvida em um contexto de crime e chantagem.

O ano de 2004 trouxe duas novelas que tiveram em sua história personagens gays, “*Senhora do Destino*” escrita por Aguinaldo Silva trata o relacionamento da médica Eleonora (Mylla Christie) e a estudante Jenifer (Bárbara Borges) formam um casal a partir da metade da trama e o processo de aceitação de Jenifer e discute a adoção de criança por casais homoafetivos, tem-se também o personagem Ubiracy (Luis Henrique Nogueira) carnavalesco afeminado eu tinha uma relação conturbada com Turcão (Marco Vivala). No mesmo ano “*Da Cor do Pecado*”, de João Emanuel Carneiro teve Abelardo (Caio Blat) um rapaz sensível, interessado em moda e maquiagem, não fica claro se ele é gay ou não, em outro núcleo teve Pai Gaudêncio (Francisco Cuoco) é também afetado e se insinua para Cezinha (Arlindo Lopes).



A autora Glória Perez em “*América*” em 2005 retomou a questão de descoberta e aceitação da homossexualidade com o personagem Junior (Bruno Gagliasso) que ao longo da história se apaixona por Zeca (Erom Cordeiro), a novela poderia ter sido a primeira a exibir um beijo gay, mas, apesar de ter sido gravado e anunciado pela mídia, o beijo acabou sendo vetado a fim de se adequar ao público e exibir uma cena mais apropriada. Em paralelo, estava no ar “*A Lua Me Disse*” de Miguel Falabella tinham três personagens gays, um era a travesti ou *crossdresser*<sup>6</sup> Dona Roma (Miguel Magno), o afeminado Samovar de Santa Luzia (Cássio Scapin) que assumiu relacionamento com Valdo Magalhães (Hugo Gross), suposto heterossexual viril que hesitou em aceitar a sua atração por outro homem.

A adoção voltou à tona em “*Páginas da Vida*” de Manoel Carlos em 2006, Rubens (Fernando Eiras) e Marcelo (Thiago Picchi) era um casal que tentavam adotar um filho, novamente o casal se apresentou baseado na heteronormatividade, porém, sem a demonstração de vida sexual entre o casal. Mesma situação acontece, no ano seguinte, em “*Paraíso Tropical*” de Gilberto Braga, no qual o casal Rodrigo (Carlos Casagrande) e Tiago (Sergio Abreu) não demonstra, em nenhum momento, maior intimidade. Na mesma novela teve Hugo (Marcelo Laham) que inventou um casamento falso com Taís (Alessandra Negrini) para esconder de seus pais o namoro com Felipe (Miguel Kelner), e no dia do casamento os pais descobrem e os personagens saem da novela.

Em “*Duas Caras*” de Aguinaldo Silva de 2007 trouxe o personagem Bernardinho (Thiago Mendonça) que era incompreendido pela família e teve uma relação conturbada com Carlão (Lugui Palhares). Em 2008 “*Beleza Pura*” de Andrea Maltarolli, teve o personagem cômico Betão (Rodrigo Lopéz). O destaque desse ano foi em “*A Favorita*” escrita por João Emanuel Carneiro que teve Orlandinho (Iran Malfitano) um gay afeminado, mas que acaba se heterossexualizando e se casando com Maria do Ceu (Deborah Secco). Outro núcleo, mais dramático, foi o de Stela (Paula Burlamaqui) que ao longo da história foi exposta a sua sexualidade e sofreu preconceito, no final ela viaja com Catarina (Lilian Cabral), mas o autor não deixa claro o envolvimento das duas.

---

<sup>6</sup>Crossdresser, é usado para descrever um homem que regularmente assume a aparência do gênero feminino a fim de satisfazer uma profunda necessidade pessoal que pode estar ligada aos mais variados tipos de motivação. Usamos o termo “crossdresser”, ou simplesmente CD, para designar travestis que não permanecem montados 24h por dia e tampouco exercem atividades remuneradas na indústria do sexo.



Walcyr Carrasco, em 2009, com “*Caras e Bocas*” traz três personagens gays e Cássio (Marco Pigossi) apesar de caricato e estereotipado, conquistou o público, outros personagens eram Sid (Kleber Toledo) e André (Ricardo Duque). Também em 2009, em “*Viver a Vida*” de Manoel Carlos, há uma insinuação de bissexualidade do personagem Osmar (Marcelo Valle). 2010 teve duas produções com abordagem ao tema, em “*Passione*” de Silvio de Abreu com o mordmo Arthurzinho (Julio Andrade) e o *remake* de “*Tititi*” de Maria Adelaide Amaral, tivemos três personagens gays, Osmar (Gustavo Leão) e Julinho (André Arteche) iniciam a novela morando juntos em Belo Horizonte/MG, após a morte de Osmar, Julinho se aproxima da Mãe dele sem saber que ele era gay e sofre preconceito quando a notícia vem à tona, e no final da trama, Thalles (Armando Babaioff) se declara a Julinho e terminam juntos.

Os personagens caricatos e estereotipados continuam sendo retratados em “*Morde & Assopra*” de Walcyr Carrasco, em 2011, com Áreo (André Gonçalves). Mas grande destaque deste ano foi para “*Insensato Coração*” escrita por Gilberto Braga e Ricardo Linhares, recebeu muita atenção da mídia pela quantidade de personagens homossexuais na história com Eduardo (Rodrigo Andrade) com o tema de descoberta da sua orientação sexual, Roni (Leonardo Miggiolin) um promotor com trejeitos, Xicão (Wendel Bendelack) será gay assumido também com características cômicas, completam o time de personagens homossexuais da novela o professor de Direito Hugo (Marcos Damigo), o advogado Nelson (Edson Fieschi) e uma detenta vivida por Cristiana Oliveira, lésbica masculinizada. Outro personagem que mesmo caricato e afeminado fez sucesso com o público foi Crodoaldo Valério “Crô” (Marcelo Serrado) em “*Fina Estampa*”, 2011/2012, escrita por Aguinaldo Silva. O sucesso foi tão grande que o personagem ganhou um filme com sua história que foi lançado em 2013. Também em 2012, em “*Salve Jorge*” a autora Glória Perez incluiu um personagem gay sendo traficada para outros países, tema principal da novela.

Finalmente em 2013/2014 a Tv Globo produziu seu primeiro beijo gay, vale ressaltar que o primeiro beijo entre duas pessoas do mesmo sexo foi em 2011 no SBT na novela “*Amor e Revolução*”. Mas por uma questão de audiência, o beijo em “*Amor à Vida*” entre Nico (Thiago Fragoso) e Félix (Matheus Solano) teve uma repercussão bem maior na sociedade, outro personagem gay era Eron (Marcelo Antony) que tinha uma união estável com Nico no início da história. A novela abordou conflitos familiares com a aceitação da família de Félix em relação a sua orientação sexual, pois apesar de ser casado, tinha um caso extraconjugal com o Anjinho (Lucas Malvacine) e seu pai (Antonio Fagundes) era



extremamente homofóbico, mas no final a novela passa uma lição de respeito quando o pai aceita o filho. Outro tema abordado na novela foi a fertilização e barriga de aluguel para casais homossexuais, quando Nico e Eron decidiram ter um filho.

“*Em Família*” de Manoel Carlos, de 2013/2014 traz a relação entre Clara (Giovanna Antonelli) e Marina (Tainá Müller), no início Clara era casada, mas abandonou o marido Cadu (Reynaldo Gianecchini) após conhecer e se apaixonar por Marina. Em 2014/2015 tivemos a novela “*Império*” que teve quatro personagens homossexuais, Claudio Bolgari (José Mayer) um homem casado que tem um caso com Léo (Kleber Toledo), a história do personagem é a mais dramática pois envolve toda sua família, a aceitação de sua orientação sexual pela esposa e a total rejeição do filho, que acaba aceitando o pai homossexual no final da novela. Outros personagens da trama são Téo (Paulo Betty) um jornalista caricato, mostrando mais um gay afetado e rico em bordões, a personagem Xana (Ailton Graça) um *crossdresser* que ensaia um interesse por Nana (Viviane Araújo), o motivo do casamento dos personagens é a adoção de uma criança e o casal convida o verdadeiro namorado de Nana pra morar junto com eles.

Atualmente temos duas produções que estão abordando o tema, “*Sete Vidas*” de Lícia Manzo, tem em seu enredo Esther (Regina Duarte) é lésbica e fez inseminação artificial para construir sua própria família. E em horário nobre temos “*Babilônia*” de Ricardo Linhares, com o casal Tereza (Fernanda Montenegro) e Estela (Nathalia Timberg) que, no primeiro capítulo, protagonizaram uma cena de beijo, que se repetiu em outros capítulos. A repercussão chegou a câmara de deputados que está sugerindo o boicote a novela por atingir os direitos morais da família tradicional brasileira e virais nas redes sociais contra a trama.

### 3. Conclusões

Após o levantamento das representações homossexuais pelas telenovelas da Rede Globo, para melhor entendimento elaboramos uma planilha resumindo todas as personagens, a novela no qual estava inserido, o personagem em questão, o ano, década e qual representação este se encaixava. Delimitamos como representação, os conceitos aplicados por Colling (2007) que são: afeminado, criminoso e heterossexualizado. Devido este estudo ser mais recente, percebemos outros conceitos nos personagens, que são: Censurado, Travesti, Transexual, Masculina (referente as lésbicas masculinizadas da ficção), Bissexual e Social. Censurado não é uma representação, mas sim uma situação pela qual os personagens passaram e o autor da novela ou mudou a orientação

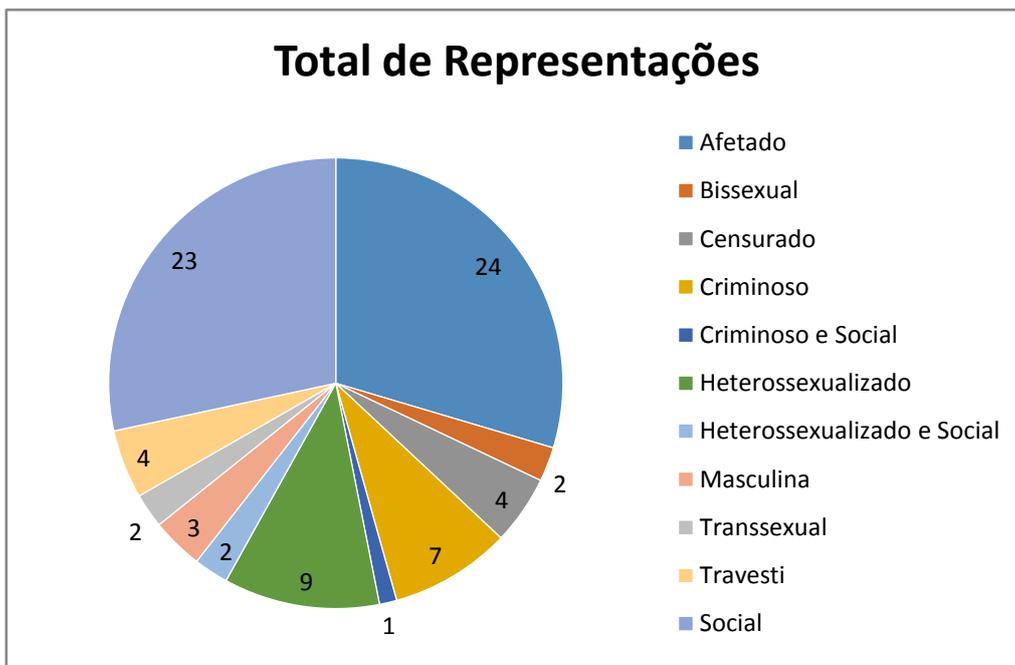


sexual, ou não deu mais ênfase ao personagem ou excluiu da trama, como aconteceu com o casal Rafaela e Cristina em “Torre de Babel”, esta mudança de trama é devido a não aceitação pelo público que acarreta em uma baixa audiência.

O conceito de Social define os personagens com algum tipo de engajamento que trouxe algum tipo de debater sobre os direitos LGBT ou uma representação mais dramática sobre ser homossexual e os preconceitos que o grupo sofre. Alguns personagens, como Rubens e Marcelo em “Páginas da Vida” foram classificados por duas representações pois seus personagens eram um casal que lutava pela adoção de criança, momento social, mas apesar de ser serem um casal, foram retratados de forma heterossexualizada a partir do momento que não houve na novela alguma cena de carinho ou amor entre os personagens, atitudes normais de casais heterossexuais. Outro personagem que teve duas representações foi Félix de “Amor à Vida”, pois ele era mal caráter, roubava o hospital da família e fingiu a morte da sobrinha, entre outras atitudes criminosas do personagem, mas ao decorrer da trama, Félix lutou pela aceitação do pai.

Para entendermos melhor como se deu a presença desses personagens homossexuais na história da Tv Globo, o Gráfico 1 traz um apanhado das quantidades de personagem por representação. E percebemos que os conceitos de Social e Afetado são os que têm mais representantes dentre todas as representações.

**Gráfico 1 – Total de Personagens por Representação.**

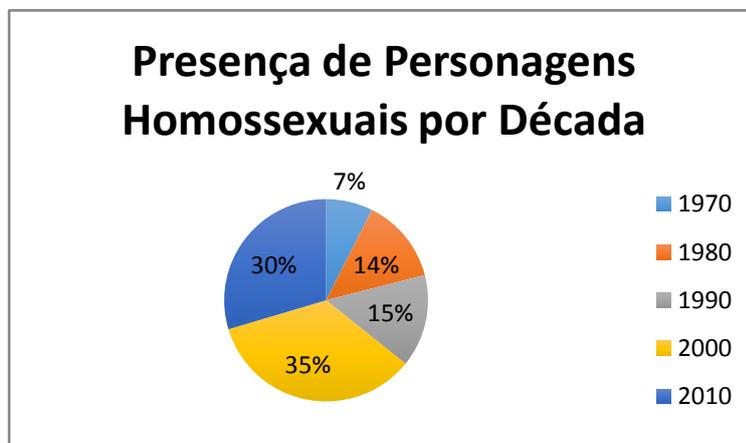


**FONTE:** Elaborado pelo próprio autor com base nos dados da pesquisa.

É importante salientarmos que dentre esses 23 personagens com representação social, 13 foram a partir de 2010 enquanto que no mesmo período tivemos 6 personagens homossexuais afetados, ou seja, é notório que a mídia tem percebido que a abordagem estereotipada em trejeitos é algo que não se encaixa mais na sociedade atual, mas sim personagens que contribua de forma positiva para a formação de debates sobre esse grupo social.

O Gráfico 2 traz a porcentagem a presença de personagens homossexuais nas telenovelas da Globo, analisando o período desde o primeiro personagem na década de 1970 aos dias de hoje.

**Gráfico 2 – Presença de Personagens Homossexuais por Década**



**Fonte:** Elaborado pelo próprio autor com base nos dados da pesquisa

Percebe-se que o tema teve um impulso na televisão somente a partir de 2000, mas que apesar de obter 35% da quantidade total dos personagens com essa temática, a década de 2010 em apenas 5 anos já alcançou 30% do total.

Com isso podemos entender que a mídia, não somente a televisão, está promovendo o debate sobre essa minoria a partir do momento que aumenta o fluxo de personagens dessa temática, isso pode se dar, como disse Kambreck (2013) a constante luta e recentes conquistas dos direitos LGBT, ou seja, as representações estão sendo mais constantes por uma necessidade da sociedade de discutir sobre existência dessa minoria e, no papel da mídia, esclarecer as diversas faces de um grupo que historicamente foi visto através de estereótipos negativos.

## REFERÊNCIAS

COLLING, L.; Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. **Revista Gênero**, v. 8, n. 1, p. 207, 2007.

FILHO, C. M. **Televisão**. Scipione, 1994.

FURLANI, Jimena. **Mitos e tabus da sexualidade humana: subsídios ao trabalho em educação sexual**. Autêntica Editora, 2003.



GLOBO, MEMÓRIA. Guia ilustrado TV GLOBO Novelas e Minisséries. **Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.**

GOMES, Dias (1999). **Dias Gomes e Macarthismo à brasileira.** In: JÚNIOR, Gonçalo (Org). **Pais da TV.** São Paulo: Conrad, 2001.

GRIJÓ, W. P., & Sousa, A. H. F. **Homossexuais nas Telenovelas: A representação nas produções da TV Globo na década de 2000.** Trabalho apresentado VIII Seminário de Alunos de Pós-Graduação em Comunicação da PUC-Rio. Rio de Janeiro. 2011.

KEGLER, Luiza; DE ARAUJO, Denise Castilhos. A moda e a mídia: a função metalingüística das telenovelas e revista feminina de moda. **BOCC: Biblioteca On-line de ciências da comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-a-moda-araujo.pdf>, v. 20, n. 09, 2008.**

KRAMBECK, R. S.; # SEMCENSURA: o duplo vínculo entre a comunicação midiática e as redes digitais na discussão da censura homofóbica. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 15, n. 1, p. 53-61, 2012.

LINN, Susan. **Crianças do consumo: a infância roubada.** Instituto Alana, 2006.

MORENO, A. Homossexualidades projetadas. **Estudos Feministas**, v. 515, p. 2, 2001.  
ORTIZ, Renato. Evolução histórica da telenovela. **Telenovela, História e Produção. São Paulo: Brasiliense**, p. 12-54, 1991. *Ortiz, Renato em Cultura e Modernidade.* Editora Brasiliense, 1991

PERET, L. E.; **Do Armário à Tela Global: A Representação Social da Homossexualidade na Telenovela Brasileira.** Rio de Janeiro. 2005

SADEK, José Roberto. **Telenovela: um olhar do cinema.** Grupo Editorial Summus, 2008

SILVA, L., SANTOS, R., Melo, J., & ANDRADE, S. B. **A abordagem homossexual nas telenovelas brasileiras.** Trabalho apresentado no XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste. João Pessoa – Paraíba, 2014.